



R\$ 4,99  
Dólar 0,01% ↑  
Ver em Tempo Real

São Paulo  
27°C 16°C



Buscar...

## A guerra chegou na agricultura brasileira, por Dr. Evaristo de Miranda

Publicado em 13/04/2026 10:55

**Conflito no Oriente Médio pressiona exportações, encarece insumos e expõe vulnerabilidades logísticas e produtivas do s no Brasil**

O conflito no Oriente Médio já afeta a agropecuária brasileira. Há dificuldades crescentes na exportação dos p do agro e na importação de insumos agropecuários, como consequência da alta do preço do petróleo e da insegurança. Oriente Médio e países do Golfo são um destino estruturante da produção agropecuária brasileira. Alguns setores do agro foram logo afetados, como as refrigeradas cadeias de proteína animal.

O Brasil é o maior exportador mundial de carne de frango, e 30% têm como destino o Oriente Médio e países Golfo. O Irã era, até 2025, o maior importador de milho do Brasil, cerca de 22% do total exportado. Vive-se u estrangulamento na logística com o fechamento do Estreito de Ormuz. Ainda não há fechamento de mercado: cancelamento de contratos.

Segundo a Associação Brasileira da Proteína Animal (ABPA), 91% da carne de frango importada pela Jordâni: Brasil. No Líbano, 85%; nos Emirados Árabes Unidos, 74%; no Iêmen, 71%; no Catar, 66%; no Kuwait, 61%; na Arábia Saudita, 57%; no Omã, 51% e na Tt 39%. Se o Brasil não fornecer carne de frango a esses países compradores durante o conflito do Oriente Médio, como ficarão seus mercados internos e sua segurança alimentar em proteínas animais? Qual destino o Brasil daria a toda essa produção? Manter a exportação de carne de frango, como de outros pr é fundamental para manter preços baixos no mercado interno.

É preciso ter uma visão holística, como assinala Ricardo Santin, o presidente da ABPA. Emirados Árabes Unidos são o principal destino da carne de frang brasileira. Em 2025 importaram um volume recorde de 480 mil toneladas. São cortes congelados. Peito e filé de peito predominam e superam de longe o inteiro. Da mesma forma, os principais destinos da exportação de pés e patas de frango (chicken paws and feet), pouco consumidos no Brasil, estão conce na Ásia, com destaque para a China (54%). Isso ajuda a baratear o preço de coxa e sobrecoxa no Brasil. Ao contrário do apregoado por alguns aloprados d governo e da militância, a exportação reduz os preços internos, até por questões de escala.

Aumentou o preço dos fretes, dos seguros e prêmios marítimos, o número de escalas e o tempo de espera em portos sobrecarregados. Até interferências n de GPS enfrenta a navegação na região. Progressivamente, o conjunto da atividade agropecuária, o mercado interno, o bolso e a mesa dos brasileiros será afetados. Não se trata de uma crise e sim de uma policrise.

O termo policrise não designa apenas a existência de várias crises ao mesmo tempo, como uma guerra, uma pandemia, uma invasão de refugiados ou um: catástrofe climática. Aqui, as crises estão interconectadas. Não acontecem sucessivamente, como as pragas do Egito na Bíblia. A engrenagem de uma crisi alimenta a outra. Elas ampliam-se e criam um sistema caótico, de difícil solução, muito maior em relação à soma das partes.

O filósofo e sociólogo francês Edgar Morin, junto com Anne-Brigitte Kern, utilizou o conceito pela primeira vez no livro Terre-Patrie, em 1993. A expressão “policrise” foi popularizada no debate internacional pelo historiador britânico Adam Tooze, historiador da Universidade Columbia. Ele retomou o termo : de 2021, sobretudo após um artigo no Financial Times intitulado “Bem-vindo ao mundo da policrise”.

Esse termo ilustra como o marketing norte-americano é poderoso. A música My Way, erroneamente, é creditada e atribuída por muitos a Frank Sinatra. É autor é um francês, Claude François, e comme d’habitude, ficou para trás. Esta policrise atual espelha o Novo Normal, vivido no planeta.

O preço dos fertilizantes disparou. Em 2025, o Brasil registrou um volume recorde na importação de fertilizantes: 45,5 milhões de toneladas. A agropecuá brasileira sofre dependência crônica da importação de nitratos, fósforo e potássio (NPK), por falta de uma política de Estado. Isso vem de vários governos agravada no atual por sua agrofobia. Restrições do eugenismo ambientalista e tribalista governamental, de ongs e do Ministério Público dificultam a expl de jazidas, sobretudo na Amazônia.

O caso mais gritante é o bloqueio ambientalista da mina de Autazes, no Amazonas. Esse projeto estratégico de mineração de silvinita para produzir potás: km de Manaus, poderia reduzir a dependência da importação de fertilizantes e atender até 40% da demanda nacional até 2032.

Além disso, a pesada tributação brasileira e o alto custo do gás natural limitam a competitividade da indústria de fertilizantes. Isso leva empresas a invest países vizinhos, a deixarem suas fábricas no Brasil hibernando e até a fecharem a exploração, como este ano no fosfato em Araxá (MG). O Oriente Médio : 18% dos adubos fosfatados e 45% do enxofre, muito utilizado na produção de fósforo. Há uma concorrência pelo enxofre entre agricultura e energia por s usos, sobretudo em baterias de automóveis.

Quanto ao nitrogênio, como no diesel ou pelas mesmas razões, queima-se o gás natural do Pré-Sal por falta de estrutura industrial para produzir amônia. nitrogenados e principalmente a ureia dependem da produção de amônia, feita a partir de gás natural. Cerca de 20% da amônia vem do Oriente Médio. A ia por 34% da produção de ureia no mundo.

garantir o abastecimento mesmo durante a temporada de plantio da primavera, em um cenário de restrição global agravado pelo bloqueio no Estreito, passa cerca de 24% da amônia comercializada no mundo.

Em 2025, o Brasil importou oficialmente 185 mil toneladas de ureia provenientes do Irã. Uma fatia pequena, cerca de 2,5%, de 7,7 milhões de toneladas importadas em 2025. O impacto real do Irã no mercado brasileiro é considerado significativamente maior devido “triangulações comerciais”.

Agrava a situação do agro, o aumento no preço do diesel. O Brasil, grande exportador de petróleo importou um volume recorde de 17,3 bilhões de litros de diesel em 2025, aumento de 20% em relação a 2024. Isso ocorre por falta de capacidade industrial de refino. A Rússia é o principal fornecedor (8,1 bilhão litros), seguida pelos Estados Unidos (5,7 bilhões de litros).

A guerra atingiu refinarias de vários países da região, incluindo o Irã, e reduziu a capacidade de refino. Esses danos à infraestrutura de exploração e refino de petróleo no Oriente Médio serão longos para recuperar.

Num momento de margens muito estreitas na atividade agropecuária, o aumento do preço dos insumos e do diesel levará a um número maior de inadimplência e a mais pedidos de recuperação judicial e a queda da produção e da produtividade. Não bastassem os juros escorchantes, a ausência de seguro rural e uma maiores inseguranças jurídicas já vividas pela propriedade privada na história rural brasileira.

A guerra Rússia-Ucrânia, iniciada em 2022, ainda dura. O risco de uma situação de conflito crônico se prolongar no Oriente Médio é alto, apesar do cessar-fogo. Mesmo se ocorrer um colapso do regime ditatorial do Irã, levará muito tempo para recomposição e reconstrução da capacidade regional de exploração e processamento de petróleo, destruída pelo conflito.

Com a crise do multilateralismo, nenhum organismo internacional é capaz de gerir esse conflito, seja ONU, OTAN ou OMC. Vulnerabilidade agravada pela desmembramento dessas instituições, já fragilizadas. Cresce o unilateralismo e o protecionismo, inclusive o verde, ambientalista. A ação das diplomacias nacionais está comprometida na solução de controvérsias internacionais.

O Brasil perde-se na retórica Sul-Sul enquanto no comércio internacional os países ampliam acordos bilaterais sólidos em detrimento dos internacionais, efetivos. As salvaguardas adicionais impostas pela União Europeia ao recente acordo comercial com o Mercosul são o melhor exemplo disso, na agropecuária. Para a produção de proteína animal, a situação piorou.

Face à imposição de tarifas ao agro brasileiro pelos EUA em 2025, o setor privado teve atuação decisiva dada a inoperância do Governo Federal. Agora a história se repete. O protagonismo das entidades do agronegócio, como ABPA e ABIEC, os entendimentos com traders, armadores e instâncias locais buscam novas alternativas logísticas e caminhos no Oriente Médio.

O Brasil precisa de um projeto estruturante, de Estado, para explorar seus recursos minerais (fertilizantes e petróleo na Margem Equatorial) e desenvolver rodovias e ferrovias, incluindo a conexão bioceânica, para chegar aos portos do Pacífico de Antofagasta e Chancay. Não ajudam os posicionamentos históricos do governo brasileiro, incompatíveis com a reduzida dimensão geopolítica do país. Trazem o risco de atrair retaliações comerciais e isolamento internacional. Não bastasse a guerra externa, o agronegócio brasileiro enfrenta um combate interno constante, atacado por políticas agrofóbicas, às quais não faltam incentivos federais. Haja policrise!

**Evaristo de Miranda** é agrônomo, com mestrado e doutorado em ecologia pela Universidade de Montpellier. Com mais de 1.400 publicações no Brasil e exterior, é autor de 56 livros, como “Tons de Verde – A Sustentabilidade da Agricultura Brasileira” (em português, inglês, árabe e mandarim). Pesquisador da Embrapa de 1980 a 2023, coordenou mais de 40 projetos e dirigiu três centros nacionais de pesquisa. Membro da Academia Nacional de Agricultura, eleito Agrônomo do Ano em 2021. Sua produção científica e artigos estão disponíveis no site: [evaristodemiranda.com.br](http://evaristodemiranda.com.br).

Já segue nosso Canal oficial no WhatsApp? [Clique Aqui](#) para receber em primeira mão as principais notícias do agronegócio

Tags: [Agronegócio](#), [Artigos](#), [Agricultura](#)

Fonte: Dr. Evaristo de Miranda

RECEBA NOSSAS NOTÍCIAS DE DESTAQUE NO  
SEU E-MAIL  
CADASTRE-SE NA NOSSA NEWSLETTER

Ao continuar com o cadastro, você concorda com nosso [Termo de Privacidade e Consentimento](#) e a [Política de Privacidade](#).



E se, por um instante de lucidez, quem sustenta o Brasil subisse a rampa do planalto?



Produção de tilápia no Brasil segue padrões globais de qualidade e rastreabilidade



Do campo à gestão: o papel do S&OP na nova fase do agronegócio brasileiro



Biocombustíveis: decisão estratégica para o Brasil, por Jerônimo Goergen



A guerra chegou na agricultura brasileira, por Dr. Evaristo de Miranda



Ruídos sobre cota chinesa pressionam mercado futuro do boi, por Lorenzo Junqueira